

EDUCAÇÃO PARA A UMA SEXUALIDADE POSITIVA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: VÁRIOS OLHARES!

Manuel Alberto Morais Brás

Instituto Politécnico de Bragança, Investigador Integrado no CINTESIS e Professor na Escola Superior de Saúde de Bragança, Portugal
mambras@gmail.com

Eugénia Maria Garcia Jorge Anes

Instituto Politécnico de Bragança, Investigador integrado da UICISA: e professor na Escola de Saúde IPB. Bragança, Portugal

Celeste da Cruz Meirinho Antão

Instituto Politécnico de Bragança, Investigador integrado da UICISA: e professor na Escola de Saúde IPB. Bragança, Portugal

Fecha de Recepción: 3 Abril 2019

Fecha de Admisión: 30 Abril 2019

RESUMO

A sexualidade positiva é uma amalgama de convergências de pensamentos, orientada pela tolerância e respeito à diferença, evitando a violência na relação que se pretende amorosa. O comportamento das crianças e jovens, sobre tolerância e diversidade sexual é extremamente influenciado pela maneira como os pais, os professores, educadores e profissionais de saúde, concebem, eles próprios, o valor de cada sexo. Pretende-se promover a discussão da sexualidade e educação sexual positiva em crianças e jovens. Revisão da literatura nacional e internacional sobre a problemática em estudo. Da análise conclui-se que os jovens não têm conhecimentos sobre sexualidade. O início do namoro e das relações sexuais é cada vez mais precoce. Relativamente à sexualidade, a intolerância, o direito à diferença e a violência no namoro continuam muito presentes. A procura dos profissionais pelos jovens e cuidados de saúde primários é regra geral escassa e quando o fazem é, essencialmente, por motivos de contraceção e/ou gravidez. A educação para uma sexualidade positiva, é o “fio-de-prumo” de uma vida equilibrada onde a diversidade e tolerância sobre a sexualidade deve ocupar lugar primordial. A diversidade sexual deve ser abordada com a naturalidade, de quem fala de afeto, de partilha, emoção, prazer, magia, de uma forma inteligente de sentir, com respeito e responsabilidade. A não observância do respeito para com uma sexualidade positiva tem repercussões negativas no desenvolvimento e relações futuras, que pode, por vezes manifestar-se com diferentes graus de violência, do controlo ao suicídio. Como pais, professores, educadores e profissionais de saúde responsáveis, temos o imperativo dever de procurar formas de promover a

EDUCAÇÃO PARA A UMA SEXUALIDADE POSITIVA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: VÁRIOS OLHARES!

tolerância e diversidade sexual das crianças e jovens, ao invés de a tentar inadequadamente moralizar, contribuindo para uma sociedade mais plural, mais justa e mais saudável.

Palavras chave: sexualidade; educação sexual; criança; adolescente

ABSTRACT

Education for positive sexuality in children and adolescents: various looks! Positive sexuality is an amalgam of convergences of thoughts, guided by tolerance and respect for difference, avoiding violence in the relationship that is intended to be loving. Children and young people's behavior on tolerance and sexual diversity is greatly influenced by the way in which parents, teachers, educators, and health professionals themselves design the value of each sex. We intend to promote the discussion of sexuality and positive sex education in children and young people. Review of national and international literature on this issue. From the analysis it is concluded that young people do not have knowledge about sexuality. The onset of courtship and sexual intercourse is becoming more precocious. Violence is visible in sexuality, in intolerance, in the right to difference and in courtship. The demand for professionals by young people and primary health care is generally scarce and when they do so it is mainly due to contraception and / or pregnancy. Education for a positive sexuality is central to a balanced life. Sexual diversity must be approached with the naturalness of those who speak of affection, sharing, emotion, pleasure, magic, in an intelligent way of feeling, with respect and responsibility. Failure to respect a positive sexuality has negative repercussions on the development and present and future relationships, with different degrees of violence, from control to suicide. As parents, teachers, educators and responsible health professionals, we have a responsibility to seek ways to promote tolerance and sexual diversity of children and young people, rather than trying to moralize inappropriately, contributing to a pluralistic, just and healthy society.

Keywords: sexuality; sexual education; kid; teenager

Agradecimentos:

Os autores agradecem o apoio da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), acolhida pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e agradecem o apoio ao CINTESIS- Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde da Escola de Enfermagem do Porto.

INTRODUÇÃO

Elegemos como tema central deste artigo, a “educação para uma sexualidade positiva” pela importância que a temática representa no desenvolvimento de crianças e jovens, na exata medida que deve contribuir para o bom desenvolvimento dos jovens neste domínio, onde de forma muito vincada, se encontram entrelaçados aspetos de ordem biológica, psicológica e sociocultural, cuja influência determina, atitudes e comportamentos (Andrade, 1996; Sampaio, 2006; Sá, 2007; Brás, 2008).

Nesta educação para a sexualidade, referimo-nos ao modo como cada um se relaciona consigo próprio e com os outros, na procura de afeto, amor e intimidade (Andrade, 1996; Prazeres, 1998; Brás, 2008). Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos é necessário atentar para a maneira de ensinar as crianças e os jovens a respeitar o “diferente”, e a diversidade no que tange à sexualidade. Os temas relativos a orientação sexual são regra geral invisíveis no currículo escolar e nas discussões sobre direitos humanos na escola (Junqueira, 2009; Reis, 2012). A escola é, assumidamente, um lugar privilegiado de promoção da cultura e do respeito pela diferença e diversidade e ainda de inclusão social, com vista a uma verdadeira pluralidade em que todos possamos conviver com igualdade e sem discriminação (Reis, 2012).

O papel da escola e do profissional de educação e saúde é neste processo fundamental. É através da educação que a promoção dessa cultura pode acontecer da forma mais efetiva, moldando novos valores e atitudes de respeito e paz, (...) formando pessoas que consolidem uma sociedade mais plural e mais justa (Sampaio, 2006; Reis, 2009).

Quando pensamos no atual contexto escolar e no convívio dos vários grupos sociais, é inevitável a ascensão de conflitos de ideias, no que se refere a sexualidade, pois as discussões são muitas vezes polêmicas, mais do que conceitos científicos, referem-se, não raras vezes, a conceitos dogmáticos, muitas vezes especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores, que, aliados a uma deficiente formação por parte dos educadores, que geralmente ignoram ou tratam com superficialidade ou desconsideram a perspectiva de uma sexualidade plural e prazerosa (Brás, 2008; Santos & Araújo, 2009; Reis, 2012).

Pretendemos tão só, uma reflexão sobre as questões que envolvem a temática, educação para a sexualidade positiva de crianças e adolescentes, uma forma diferente de difundir a tolerância e uma cultura apaziguadora, o respeito à diversidade e a promoção de um ambiente harmonioso particularmente em contexto escolar (Andrade, 1996; Sampaio, 2006; Reis, 2012).

Uma sexualidade positiva, logo saudável, reivindica uma convivência de crianças e jovens pautada pelo respeito e tolerância relativa à orientação sexual de cada um, aspira a um diálogo que discuta e promova o respeito à diversidade com ênfase no sexo e sexualidade na perspectiva de contribuir para o entendimento das crianças e jovens, pais, educadores e profissionais de saúde e educação (Sampaio, 2006; Souza & Galindo, 2012).

O intuito é fomentar a cultura da aceitabilidade para pessoas com orientação sexual diferente do padrão estabelecido pela sociedade como normal. A sexualidade, é uma energia boa, que nos leva a procurar afeto, contacto, prazer, ternura e intimidade, influencia mais que tudo, os nossos pensamentos, sentimentos, ações e interações e, como tal, influencia vincadamente a nossa saúde física e mental (OMS, 1991).

Segundo Oscar Wilde, citado por Moore (1999:232) “o melhor modo de tornar as crianças boas é torná-las felizes”. Frequentemente, a moralidade parece uma corrente que nos separa do prazer sexual. Neste meio extremamente impiedoso, não é fácil sentirmo-nos moralmente à vontade com o sexo. As nossas vidas sexuais seriam melhores se nos conseguíssemos ajustar com a culpa duradoura, e celebrar um estilo de vida ético que pudesse admitir e dar início a um processo contínuo de aprofundamento decente (Moore, 1999; Marques, 2000).

OBJETIVO

Promover a discussão acerca da sexualidade e educação sexual positiva em crianças e jovens, através dos vários olhares; sexualidade, tolerância, direito à diferença e violência no namoro.

METODOLOGIA

Este trabalho assenta numa revisão da literatura (com recurso a vários estudos e autores nacionais e internacionais) sobre a temática sexualidade e tolerância, diferença de género e violência no namoro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da análise conclui-se que os jovens não têm conhecimentos sobre sexualidade (Aragão, 2017; Brás, 2008; Brás, 2012). O início do namoro e das relações sexuais é cada vez mais precoce (Brás, 2012; Aragão, 2017). Relativamente à sexualidade, a intolerância, o direito à diferença e a violência no namoro continuam muito presentes (Silva, 2017; Magalhães, Rodrigues, Beires, Guerreiro, Teixeira, Dias, Nunes, Iglesias, Teixeira, Gouveia, Pontedeira, Cordeiro, Martins, Silva, Ribeiro,

Mendes, Ferreira & Martelo, 2019). Relativamente à violência no namoro, a maioria dos jovens legitima pelo menos um comportamento de violência e quem mais legitima são os rapazes (Magalhães et al., 2019; Silva, 2017). Dos comportamentos que os jovens mais legitimam, são, o controlo, a perseguição, a violência sexual e violência através das redes sociais (Magalhães et al., 2019). No âmbito da violência psicológica, uma franja considerável dos jovens, 16% não a reconhecem como forma de violência na intimidade (Magalhães et al., 2019). A violência através das redes sociais aumentou em Portugal de 2018 para 2019 de 12% para 21%, contudo a legitimação desta forma de violência diminuiu apenas 1% (dos 24% para 23%) (Magalhães et al., 2019). A vitimação da violência física, subiu de 6% para 11% e a sua legitimação, teve um aumento de 8% para 9% (Magalhães et al., 2019). A evidência produzida conclui que crianças e jovens, em particular do sexo masculino são agredidos por apresentarem comportamentos e características homossexuais. Meninos, meninas e jovens são discriminados em relação ao seu comportamento de género e orientação sexual por não corresponderem à heteronormatividade e aos referenciais dominantes (Sousa & Ferreira, 2003; Souza & Galindo, 2012; Magalhães et al., 2019). A procura dos profissionais de saúde e cuidados de saúde primários pelos jovens é regra escassa e quando o fazem é, essencialmente, por motivos de contraceção e/ou gravidez (Brás, 2008; Brás, 2012; Macpherson, 2001; Geest, 2016; Aragão; 2017). Muitas vezes a falta de sigilo e confidencialidade são condicionantes da procura destes profissionais e serviços, pelo que importa fornecer aos jovens uma adequada e fiável educação sobre a tolerância e diversidade sexual e serviços de saúde sexual e reprodutiva acessíveis e de qualidade, garantindo-lhes o direito à privacidade, sigilo e confidencialidade (Sousa & Ferreira, 2003; Sampaio, 2006; Vaz et al., 2007; Brás, 2008; Torres, 2010; Geest, 2016, Aragão, 2017). A sexualidade e seus cambiantes, continuam em pleno século XXI a provocar muita intranquilidade e desassossego, discriminação e exclusão das crianças e dos jovens, que não se enquadram nos padrões heterossexuais estabelecidos e “prestigiados” socialmente (Reis, 2012). A sociedade (família e escola) continua a marginalizar e rebater a diversidade do desejo e orientação sexual, não a assumindo como um direito de meninas, meninos e jovens que ambicionam poder exercer uma sexualidade plena e satisfatória, a tal sexualidade positiva e saudável (Andrade, 1996; Junqueira, 2009; Gomes & Miguel, 2000; Brás, 2012; Geest, 2016). A homossexualidade continua rodeada de preconceitos que, achinca, discrimina e marginaliza as pessoas cuja orientação e diferente da normatividade sexual dominante (Andrade, 1996; Brás, 2012; Sousa & Ferreira, 2003; Reis, 2012; Geest, 2016). A discriminação relativamente a uma sexualidade “desalinhada” da norma dominante leva muitas vezes à expulsão da família, à rejeição pelo grupo de pares, ao abandono escolar e até ao recurso à prostituição, como a alternativa de sobrevivência (Sousa & Ferreira, 2003; Junqueira, 2009; Reis, 2012; Torres, 2010). A orientação sexual diferente, continua a ser vista como “tabu” e comentada de forma depreciativa em vários setores da sociedade, configurando-se de forma cruel e preconceituosa dentro do ambiente escolar (os jovens são “cruéis”), deprecições e preconceitos que são manifestados pela sociedade tradicional e machista, relativamente às meninas o preconceito é menor e aparentemente mais tolerado pela sociedade (Andrade, 1996; Brás, 2008; Reis, 2012; Souza & Galindo, 2012). Estas questões devem ser faladas, debatidas e estudadas, de forma a permitir e facilitar um melhor conhecimento sobre a temática (Brás, Anes, Praça & Morais; 2011).

Os estudos indicam que não pode haver o receio, de que ao falar de sexualidade aos jovens, os estimule para relacionamentos sexuais mais precoce. Vários estudos têm revelado um significativo aumento do número de jovens sexualmente ativos, com maior ênfase nas sociedades ocidentais, facto particularmente relevante nas raparigas, tal não pode ser imputado à educação sexual. Existem estudos que defendem, claramente, que, quanto mais cedo se der informação deste cariz aos jovens

mais capacidades eles têm de *per si* se defenderem de abusos, de violências e relações sexuais prematuras. Ainda na mesma linha de opinião, os estudos evidenciam que convenientes programas de educação sexual têm, efetivamente, colaborado para diminuir comportamentos de risco e aumentar comportamentos preventivos (Marques et al., 1999; Ministério da Saúde, 2000; Macpherson, 2001; Sampaio, 2006; Reis, 2012; Souza & Galindo, 2012; Magalhães et al., 2019).

CONCLUSÕES/SUGESTÕES

Embora com alguma moderação e contenção, a sexualidade positiva tem ganho evidente destaque nas sociedades democráticas contemporâneas, conversas sobre sexualidade e sexo são hoje mais frequentes nos meios de comunicação social, na escola e na família. Uma sexualidade positiva e saudável deve facilitar a construção do conhecimento da sexualidade humana nos planos biológico, psíquico-afetivo e social, possibilitando a aquisição de atitudes positivas nesta área, livre de elementos discriminatórios de gênero e a vivência de relações interpessoais equilibradas e satisfatórias. Pelo que a educação sexual é o “fio-de-prumo” de uma “sexualidade positiva e saudável” e uma vida harmoniosa onde a diversidade, tolerância e não violência sobre a sexualidade têm lugar primordial. Falamos de sexualidade com a naturalidade de quem fala de afetividade, de partilha, emoção, prazer, responsabilidade e respeito. Importa, fornecer aos jovens uma adequada e fiável educação sobre a sexual positiva e saudável e serviços de saúde sexual e reprodutiva acessíveis e de qualidade. Uma sexualidade plural, harmoniosa e satisfatória, é uma valência fundamental no moderno conceito de saúde, onde não faz sentido conceber, um estado de completo bem-estar físico, psíquico e social sem uma vida sexual plural, plena, gratificante e não violenta. Face ao exposto, é imperativo que se criem medidas de prevenção, que visem uma prática sexual consciente e responsável, potencializando estilos de vida saudáveis, diminuindo a incidência dos problemas daí resultantes. A importância desta temática justifica, ao nível dos órgãos de tomada de decisão, a criação e implementação de estratégias promotoras de uma sexualidade positiva, contribuindo para uma sociedade mais equitativa, mais plural, mais saudável e mais justa. A compreensão e a abordagem da sexualidade numa sociedade é um reflexo direto do seu sistema cultural, o que possibilita tantas perspetivas do comportamento sexual como sociedades. O grande desafio da educação sexual contemporânea, sugere que os jovens precisam de mais e melhor informação e educação sexual, não para obter um modelo de comportamento definido por sexologistas profissionais, mas para poderem fazer as suas próprias escolhas e viver a sua própria vida da sua própria maneira.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. I. (1996). *Labirintos da Sexualidade*. Porto. Porto Editora.
- Aragão, L. C. R. R. (2017). *Adolescência e sexualidade: conhecimentos, atitudes, comportamentos e traços de personalidade de estudantes do ensino secundário do distrito de Bragança*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem Comunitária. Bragança. IPB
- Brás, M. A. M. (2008). *A Sexualidade do Adolescente: a Perspectiva do Profissional de Enfermagem dos cuidados de saúde primários*. Porto. ICBAS. Universidade do Porto.
- Brás, M. F. M. (2012). *Sexualidade na adolescência: análise da perspectiva do adolescente face à sexualidade*. Bragança: Escola Superior de Tecnologia e Gestão. Dissertação de Mestrado em Gestão das Organizações. IPB
- Brás, M.; Anes, E.; Praça, M. I. F.; Brás, M. F. M. (2011). Os adolescentes e a sexualidade: assuntos da procura dos cuidados de saúde primários. *INFAD Revista de Psicologia*. 2:1, p. 413-422
- Carvalho, T. (1999) – *Alguns Comentários ao Documento: Orientações Técnicas Sobre Educação Sexual em Meio Escolar*. Ferlap, Boletim 78; 5-6.

EDUCAÇÃO PARA A UMA SEXUALIDADE POSITIVA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: VÁRIOS OLHARES!

- Geest, V. M. C. V. D. (2016). *Avaliação de necessidades de treinamento de profissionais de enfermagem na área da sexualidade*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto Departamento de Psicologia. São Paulo.
- Gomes, A. M.; Miguel, N. (2000). *Educação Sexual só para jovens*. Lisboa. Texto Editora.
- Gomes, A., Carvalho, E.T., Maciel, C.M.L.A. & Fernandez, C.T. (2018). *Diversidade Sexual Na Escola: Ideologia, Desafio ou Realidade Contemporânea?*
- Junqueira, R. D. (Org) (2009). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Macpherson, A. (2001). Sexualidade e Adolescência. *UPDATE, Planejamento Familiar* (Fevereiro), pg: 26-27.
- Magalhães, M.J.; Rodrigues, A.; Beires, A.; Guerreiro, A.; Teixeira, A.M.; Dias, A.T.; Nunes, A.; Iglesias, C.; Teixeira, C.; Gouveia, C.; Pontedeira, C.; Cordeiro, J.; Martins, J.; Silva, M.; Ribeiro, P.; Mendes, T.; Ferreira, V. & Martelo, V. (2019). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro 2019*. Art Themis. Magalhães, M.J. (cord) Acesso em http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Estudo_Nacional_VN_2019_da_UMAR.pdf
- MOORE, T. (1999). *A Alma Do Sexo, Cultivando a Vida Como Um Acto de Amor*. Lisboa. Planeta Editora.
- OMS (1991). *Educação Sexual – Viver Saudável*. Sessão do Comité Regional da Europa. 41.ª Edição. Lisboa.
- Reis, T. (2009). Homofobia e a escola. In: Luz, N. S. da (Org); Carvalho, M. G. de (Org). Casagrande, L. S. (Org). *Construindo a igualdade na diversidade: genero e sexualidade na escola*. Curitiba: UTFPR.
- Reis, A. L. M. (2012). *O silêncio está gritando: a homofobia no ambiente escolar, um estudo qualitativo no ensino fundamental de escolas públicas em Curitiba, Paraná*. Montevideu.
- Sá, E. (2007). Livro de Reclamações. Programa apresentado na SIC, 2.ª feira durante o Jornal da Noite.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o Mar*. 1.ª Edição. Lisboa. Editorial Caminho.
- Santos, D. B. C; Araújo, D. C. (2009). Sexualidades e generos: questões introdutorias. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Género e Diversidade Sexual. Santos, D. B. C (Org); Araújo, D. C (Org). *Sexualidade. Cadernos temáticos da diversidade*. Curitiba: SEED.
- Silva, M. C. V. (2017). *Violência no namoro: estudo com adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem Comunitária. Bragança. IPB
- Sousa, B. L. & Ferreira, S. J. (2003) – Atitude dos Adolescentes Face à Sexualidade. *Revista Sinais Vitais*. Vol. 48, p. 35-38.
- Souza, L. L. & Galindo, D. (2012). *Gênero e diversidade na escola*. (Org) Cuiabá, MT. EduFMT.
- Torres, M. A. A (2010). *diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola* (serie cadernos da diversidade). Ouro Preto: Autentica.
- Vaz, J. M. et al., (2007) – Serralves Fora de Horas. SIC Mulher.